

Ceci n'est pas une pipe: o diário que não é cachimbo

Ceci n'est pas une pipe: the journal which is not a pipe. que não é cachimbo

Marcelo Fortes¹

Resumo:

O presente texto traz algumas reflexões acerca do desenvolvimento de um diário de pesquisa doutoral, intitulado *ceci n'est pas une pipe*, produzido a partir dos pressupostos metodológicos da a/r/tografia. Nesse sentido, arte, pesquisa e docência são os principais pontos de discussão do texto, que são tramados juntos a exemplos extraídos das páginas do diário.

Palavras-chave:

Diário; A/r/tografia; Arte; Docência; Pesquisa.

Abstract:

This present text brings some reflexions about the development a PhD research diary, titled *ceci n'est pas une pipe*, it was produced from the methodological assumptions of the a/r/tography. In this way, art, research and teaching are the main discussion points of this text, which are networked with examples extracted from the diary.

keywords:

Diary; A/r/tography; Art; Teaching; Research.

1 marcelo.forte84@yahoo.com.br

Em 2011 andava junto de duas amigas pelo Setor Campinas em Goiânia, a fim de conhecermos o bairro que é popular pela quantidade de lojas e a variedade de produtos. Nesse passeio encontramos uma loja de livros usados, ou sebo, como costuma-se chamar. Entramos muito mais pela curiosidade, pois não estávamos buscando nenhum livro específico.

A simpática senhora que nos atendeu começou a nos contar sobre suas atividades. Ela tinha por hábito ler os livros e retirar fragmentos que julgava interessante para anotá-los em seus cadernos. Ela nos mostrou alguns de seus cadernos repletos de frases esquematizadas em uma lógica que lhe fazia sentido, com trechos separados por contornos de caneta, ocupando as folhas em espaços e dimensões diferentes.

Eu estava no mestrado e tinha um diário de pesquisa, além de outros cadernos de anotações. Entrar em contato com os cadernos daquela senhora produziu em mim uma vontade de tornar os meus diários mais fortalecidos, de fazer daquele espaço um lugar para estar, um meio de produção tanto daquilo que perpassava minha investigação quanto de outras situações cotidianas e artísticas realizadas por mim.

Com o passar dos anos, meus diários ganharam corpo a partir de textos, desenhos, esquemas e colagens que, atualmente, configuram-se como conteúdo vital para minha investigação de doutoramento e adentram os espaços da pesquisa como instrumentos metodológicos baseados na /a/r/tografia.

Essa metodologia de pesquisa explora imagem e texto na produção de sentidos daquilo que se pretende realizar. Arte, pesquisa e docência são as três bases (a/r/t - art/research/teach) que permeiam esse modo de investigar e fazem do meu diário um espaço a/r/tográfico. Os diversos assuntos tratados no diário atravessam-se para compor ideias acerca dos assuntos que me interessam e que são importantes para as discussões que intento tramar ao longo da investigação.

Neste texto pretendo tratar especificamente sobre o primeiro diário realizado em meu doutoramento em Estudos Contemporâneos pela Universidade de Coimbra, com a pesquisa em andamento intitulada Atravessamentos entre docência e arte: modos de ser professor-artista.

Esse diário recebeu o nome de Ceci n'est pas une pipe, pois em sua capa há diversas colagens e uma delas é um recorte da pintura de René Magritte, A traição das imagens,

que contém um cachimbo e a frase *Ceci n'est pas une pipe*, que significa Isso não é um cachimbo.

É a partir de seu conteúdo que lanço o olhar para esta escrita. No texto, além de relatar o que está escrito, desenhado e colado em suas folhas, busco trazer as relações com minhas práticas e os desdobramentos que venho fazendo com a arte e com a docência.

A fim de organização, inicio trazendo algumas pontuações sobre a a/r/tografia enquanto metodologia de pesquisa, para depois tratar sobre questões referentes ao diário e, especificamente, sobre a minha produção e os modos como vejo o conteúdo reverberar em minhas práticas artísticas e docentes.

Notas sobre a/r/tografia

A a/r/tografia é uma metodologia de pesquisa que foi instituída a partir da Pesquisa Educacional Baseada em Artes (PEBA), no Canadá, na Faculdade de Educação da Universidade da Columbia Britânica. “É um processo de desdobramento da arte e do texto juntos (arte nesse sentido poderia significar poesia, música ou outras formas de pesquisa artística)” (Irwin; Springgay, 2013: 144) estabelece uma relação entre artista, pesquisador e professor (Artist/Researcher/Teacher).

O praticante de a/r/tografia trabalha perpassando os espaços da arte, da docência e da investigação. Atravessa esses espaços para nutrir-se de conteúdos que o permitam inventar outros meios de compreensão e aprendizagem. “O a/r/tógrafo vive sua prática, representa sua compreensão e questiona sua posição ao integrar saber, prática e criação através de experiências estéticas que trazem significado em vez de fatos”. (Irwin, 2013: 129).

A produção a/r/tográfica em minha investigação vem acontecendo no diário e a partir dele. Busco então fazer desse objeto um lugar de atravessamentos, de compartilhamentos e de posicionamentos acerca daquilo que me rodeia, do que está presente não somente na pesquisa, mas também em outras instâncias vividas.

Nesse sentido, a a/r/tografia pode ser vista como

[...] uma perspectiva de interpretação de si mesmo (self) através de uma pesquisa viva entre arte e texto. É uma pesquisa que dá mais do que um simples significado a nossa experiência; seus fundamentos estão nas perdas, as mudanças e as rupturas que permitem emergir novos significados. (Springgay; Irwin; Kind, 2005: 899)

Para além disso, não são apenas meus processos individuais que têm tornado minhas

ações mais experimentadas, mas o contato e a troca com os outros campos, com outras pessoas que compartilham de outros conhecimentos e experiências. “[...] É um processo intersticial, onde os encontros entre sujeitos, pensamentos e ações propõem novas assemblages e situações” (Irwin; Springgay, 2013: 150). Em tudo há potencialidade de atravessamentos, de trocas, de contaminações.

A a/r/tografia busca o sentido denso e intenso das coisas e estuda formatos alternativos para evocar ou provocar entendimentos e saberes cujos formatos tradicionais da pesquisa não podem ou conseguem possibilitar” (Dias, 2013: 25).

Meu diário de pesquisa possui um conjunto de dados, informações, produções de sentido que em um formato tradicional de pesquisa não teriam o mesmo desdobramento e não reverberariam da mesma forma.

Entre os ajuntamentos de imagem e texto dos diários, minha produção artística se faz presente, ocupando espaços e provocando transbordamentos. Essas produções contaminam-se e/ou nutrem-se dos lugares em que me deixo atravessar, derramam os contornos entre arte, docência e pesquisa. “Na a/r/tografia saber, fazer e realizar se fundem. Elas se fundem e se dispersam criando uma linguagem mestiça, híbrida”. (Dias, 2013: 25)

O a/r/tógrafo entende seu papel como algo temporal e integrado às diversas situações da vida e vai trilhando e atravessando esses caminhos de fronteiras para conectar seus diversos interesses.

Ceci n'est pas une pipe

Ao analisar os conteúdos dessa produção específica do diário intitulado *ceci n'est pas une pipe*, o primeiro realizado no decorrer do doutoramento em Estudos Contemporâneos, vou percebendo algumas pontuações que se fazem importantes para minha pesquisa, para minhas percepções pessoais e para o que penso a respeito de metodologias e modos de fazer pesquisa.

Recorrer a esse diário tem-me permitido acessar conteúdos vistos em determinados períodos que atualmente já não estão presentes em minhas leituras e atividades. Porlán e Martín (2000: 23) pontuam que esses acessos ao diário colaboram para refletir sobre os processos mais significativos das dinâmicas em que se está inserido. É um processo de idas e vindas, de produções no diário e de reflexões a partir dele.

Vou percebendo também, ao folhear suas páginas, que o momento da produção é

diferente do momento em que volto as suas imagens e textos. Quando leio livros e artigos de outros autores, transcrevo para o diário os fragmentos que mais me interessam. Ao retomá-los, já não são os mesmos, assentam-se no papel e dizem-me com as mesmas palavras, coisas que outrora não haviam dito. Esses fragmentos não mudam o que seus autores pretenderam dizer com eles, mas com o tempo, ganham novas significações, porque minhas percepções se modificaram e também porque estão envolvidos com outras imagens e outros textos.

O tempo, além de amarelar as páginas do diário, também tem força sobre as escritas. E sobre essa potencialidade de reavivar esquecimentos Maurice Blanchot assinala o seguinte:

Certo incidente insignificante, que ocorreu em dado momento, outrora, esquecido, e não apenas esquecido, despercebido, eis que o curso do tempo o traz de volta, e não como uma lembrança, mas como um fato real. (2005: 16)

A repetição e o retorno às páginas antigas e às atuais tornam-se um exercício de descobertas e reafirmações. Flusser ao discorrer sobre a imagem aponta que a o vaguear pela superfície, o olhar vai estabelecendo relações temporais entre os elementos da imagem: um elemento é visto após o outro.

Ao vaguear do olhar é circular: tende a voltar para contemplar elementos já vistos. Assim, o 'antes' se torna 'depois', e o 'depois' se torna o 'antes'. (1985: 7)

Penso que o mesmo pode ser referido ao diário. Vaguear o olhar por suas páginas é atravessar os conteúdos e os tempos, é entender a cronologia dos fatos sem encerrá-los naquele momento, mas, permitir que continuem contaminando os pensamentos e as folhas porvir.

No diário ceci n'est pas une pipe o conteúdo retirado de leituras, é baseado ou faz parte de textos acadêmicos, filosóficos, de arte, de cultura visual, de educação e docência, de poesia, etc. Em uma passada de olhos por suas folhas é possível identificar alguns assuntos específicos e seus autores.

Metodologias de pesquisa são assuntos presentes nessas escritas, com autores que tratam de temas relacionados à pesquisa em arte, arte-educação e cultura visual e que utilizam como caminho metodológico a A/R/Tografia. Ou então, que baseiam-se na pesquisa narrativa e na cartografia.

Há também textos que tratam a vida como obra de arte e que a partir de Foucault,

exploram o tema dos cuidados de si, pensando o indivíduo como obra de si e, estabelecendo técnicas de si, para resistir ao poder disciplinar. Outros ainda são textos que articulam questões da estética, do cotidiano e dos devires.

Como meu interesse está voltado para o conceito de docência-artística, textos sobre professores-artistas e artistas-professores também compõem suas páginas. Além disso, há fragmentos de pensamentos de artistas, de pensamentos meus, de poemas, de músicas, apontamentos sobre a primeira entrevista que realizei com uma professora, notas sobre documentários e outros materiais vistos na internet e projetos de oficinas a realizar.

Todos esses apontamentos e citações ocupam os espaços de ceci n'est pas une pipe de formas variadas, em pequenos blocos escritos com cores diferentes uns dos outros, com palavras-chave escritas em um tamanho maior que o restante do texto, ou em formato de esquemas que são como mapas a orientar as ideias e a mostrar os caminhos.

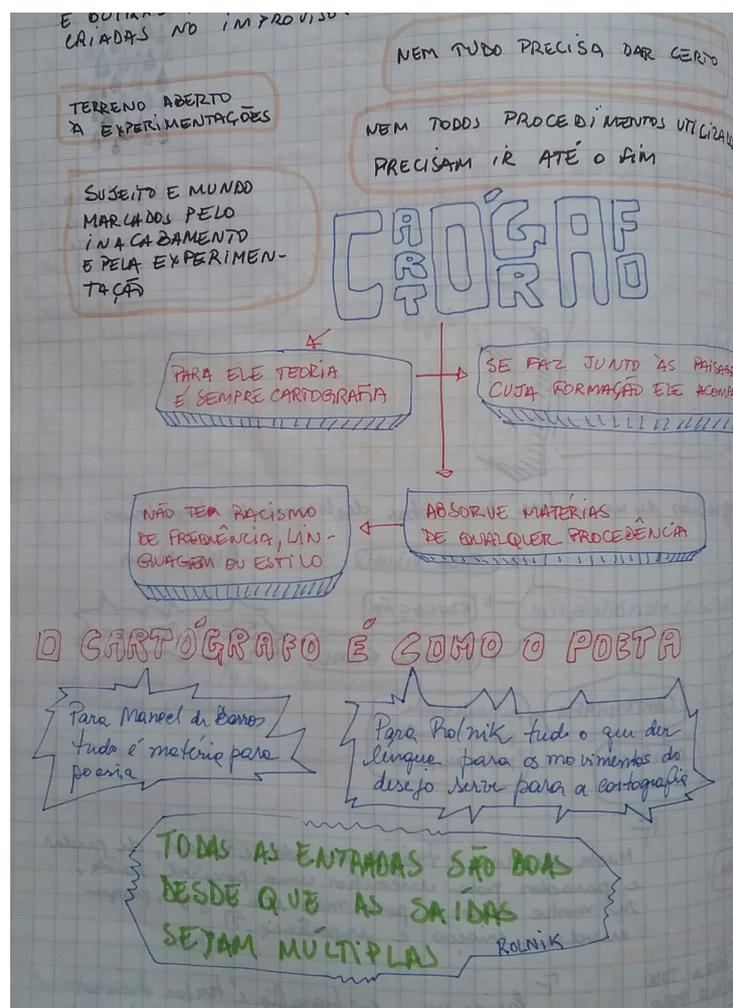


Figura 1. Fragmento diário de pesquisa - anotações. Arquivo do pesquisador

O uso dessas estratégias imagéticas colabora para chamar atenção a determinados assuntos e pôr em evidência pontuações que considero importantes. Por isso, voltar ao diário torna-se um exercício de olhar com curiosidade, para perceber tanto o que chama atenção pelas cores ou letras aumentadas, quanto aos detalhes que poderiam passar despercebidos.

Como o diário não se compromete apenas com a escrita, perambulo por suas páginas com desenhos que participam de minhas atividades em aula, em congressos e seminários. Esses desenhos não possuem uma ligação direta com os eventos, no sentido de ilustrá-los, mas coexistem enquanto outros processos do pensamento. Na medida em que estou ouvindo as falas dos professores e apresentadores e utilizando parte de minha atenção para isso, também vou dedicando outra parte de minha atenção para desenhar.

Em outras situações, esses desenhos são reflexões acerca da vida e de questionamentos que utilizam a imagem como metáfora. Alguns são signos recorrentes em meu trabalho artístico, outros se incorporam às escritas pela necessidade de suas existências.



Figura 2. Fragmento diário de pesquisa - desenhos. Arquivo do pesquisador

Como as folhas desse diário são quadriculadas, diversos desenhos acompanham as formas geométricas, por vezes com padrões que se repetem. Mas também há desenhos derivados de produções que estão presentes desde minha licenciatura em Artes Visuais, em meus cadernos e diários, como os híbridos de objetos e seres vivos ou de seres humanos com outros seres vivos. Além disso, há pássaros, peixes, árvores, retratos e corações.

Esses desenhos fazem do meu diário um espaço mais artístico e mais agradável ao meu olhar. São imagens que carregam uma memória e me remetem aos momentos em que foram desenhadas, mas também a realidades que só pertencem à vida delas, ao fantástico mundo criado para elas dentro do diário.

Há também em ceci n'est pas une pipe diversas colagens. Parte delas são colagens-registros, dizem respeito à lugares por onde andei, tickets de entradas de museus, de concertos, de estabelecimentos comerciais e fragmentos de mapas de lugares que visitei.



Figura 3. Fragmento diário de pesquisa - colagens. Arquivo do pesquisador

Outra parte são as colagens artísticas, que iniciam desde a capa e ocupam algumas páginas com recortes de imagens e palavras de revistas, de fotocópias e de folders de eventos. Elas não são tão frequentes quanto os demais conteúdos, talvez por uma resistência da qual venho tentando desvencilhar-me.

Essa resistência reside na ideia do diário enquanto algo pessoal e restrito a mim, enquanto que as colagens que produzo, como produções a serem lançadas ao mundo. Mas venho desconstruindo ambas as ideias a partir do exercício de colar no diário e do exercício de mostrar o diário ao mundo.

Por isso também a necessidade de escrever esse texto, de mostrar partes do que vem sendo desenvolvido nesse primeiro diário de investigação doutoral. E para além de abrir suas páginas, pretendo contar como esse conteúdo vem colaborando com as minhas práticas docentes e artísticas. *O diário enquanto dispositivo para arte*

Frequento as páginas já preenchidas de meu diário, às vezes para buscar por pontuações específicas, às vezes apenas pelo exercício do olhar. Nessas imersões encontro ideias adormecidas esperando para serem acordadas, mas também descubro (ou invento) novas possibilidades.

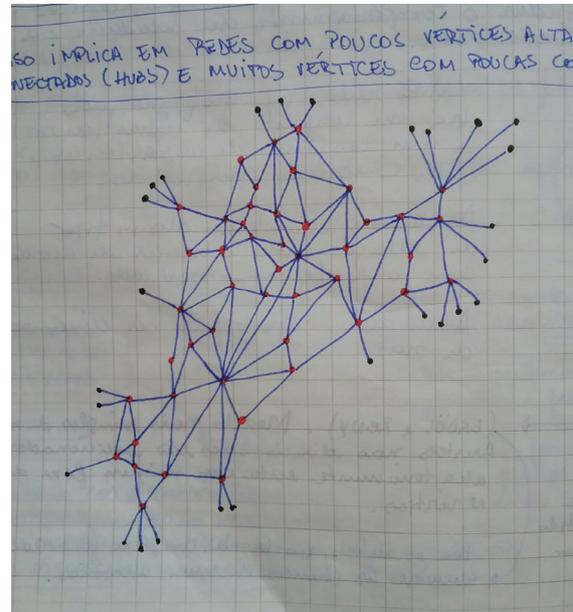
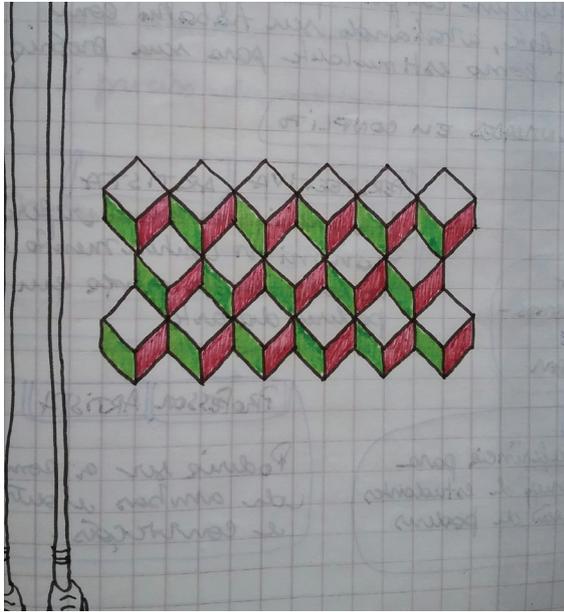
Para meu trabalho artístico o diário é um território de fertilidades poéticas e imagéticas. Poéticas não por conter vários fragmentos de poesias, mas também por isso, mas, sobretudo por combinar poesias com imagens, com pensamentos meus e de outros autores e por possibilitar-me trabalhar com esse material dentro e fora do diário, desdobrando-os em novas imagens, novos textos, novas percepções.

Sobre as fertilidades imagéticas quero dizer especificamente das imagens que são produzidas no diário e que por vezes ganham novos contornos em outros papeis, em outros terrenos. Em certas situações esses grafismos se reafirmam como signos constantes, em outras geram novas imagens para fazer parte de meu repertório e em outras ainda, são utilizados para finalidades específicas.

Sobre esse uso específico dos desenhos, posso utilizar como exemplo o projeto de desenho que desenvolvi para a logomarca de um evento em que fiquei responsável pela parte gráfica (figura 6). Precisávamos de uma imagem que tratasse sobre a interdisciplinaridade, sobre sair dos campos disciplinares para se articular com outras áreas. Folheando meu diário encontrei dois desenhos feitos em momentos diferentes e que juntos poderiam corresponder à ideia do evento.

Utilizei o padrão de caixinhas que havia feito como um exercício de desenho geométrico para dar sentido às áreas disciplinares (figura 4), que muitas vezes encontram-se fechadas, limitadas por seus conteúdos. Associei a esse desenho um esquema de redes

que havia feito durante a leitura de um texto que falava sobre redes complexas (figura 5). Dessa forma, as redes poderiam representar a saída das caixas disciplinares para conexões interdisciplinares.



Figuras 4 e 5. Fragmentos diário de pesquisa – desenhos. Arquivo do pesquisador.

Alguns dos desenhos de padrões feitos no diário são reproduzidos em estampas de outros desenhos que realizo em outras superfícies. O diário nesse caso colabora como um espaço de experimentações de formas que serão posteriormente desenvolvidas em trabalhos fora dele.

No que diz respeito às fertilidades poéticas, posso tomar como exemplo um dos exercícios que decidi realizar, a partir de frases aleatórias de meu diário, que tinham determinada importância para mim e que foram levadas à espaços públicos da cidade de Coimbra. A ideia era trabalhar com lambe-lambes, deixando vestígios de meu diário a partir dessas frases deslocadas para outras superfícies, como postes de luz, paradas de ônibus, etc.



Figura 6. Intervenção urbana a partir de fragmentos do diário. Arquivo do pesquisador

Esse deslocamento é um processo de desterritorialização das frases, e quando reterritorializadas em outros lugares ganham novos sentidos. Fixam-se nas superfícies sem, sobretudo, fixarem-se em um significado. É preferível dizer que são campos de significações. Além disso, ganham status de intervenção urbana, participando dos espaços públicos que são tomados frequentemente como galerias a céu aberto.

Outras produções que o diário promove estão relacionadas a um fazer de dentro para fora e de fora para dentro, tomando-o por vezes como campo processual e em outras situações como ponto final. Isso significa que a produção artística não precisa necessariamente sair do diário para ocupar espaços de arte, ela tem potencialidade de existir nele assim como em uma galeria de paredes brancas, ou na rua.

Tenho, portanto, alguns exercícios que venho desenvolvendo a partir do uso da palavra. Os poemas de Manoel de Barros constantemente povoam meus pensamentos e meu diário e costumo dizer que extraio desses poemas palavras de desdobramentos. São expressões que me remetem a outras expressões e que me permitem inventar novas possibilidades, como frases, imagens e perguntas. Assim, habitam no diário uma coleção de palavras, uma coleção de perguntas a partir das palavras e alguns

projetos plásticos/visuais que aguardam pelo momento de sair para outros campos.

Há também colagem com repetição da mesma palavra, invenção de palavras a partir de outras já existentes, produção de poemas com essas invenções e diversos desenhos. Essa combinação faz do diário além de um dispositivo para a arte, um espaço também artístico.

Cabe, pois, ampliar a concepção da arte extraindo-a de suas condições temporais e espaciais para dela fazer uma criação conceitual, um agenciamento, um acontecimento [...] (Lins, 2012: 30).

Vejo o diário, portanto, como um campo fértil para a arte enquanto agenciamentos e acontecimentos, que levam a outras instâncias, outras situações.

O diário enquanto dispositivo para a docência

Assim como as questões artísticas anteriormente tratadas, o estado docente a que tenho acesso no momento não está inserido no circuito oficial, neste caso em sala de aula e ensino formal. No presente momento não dou aulas em nenhuma escola e muito menos na universidade, Mas, venho planejando e desenvolvendo algumas atividades e experimentações em situações não formais que promovem um pensar e um agir docente.

E é nesse sentido que o diário entra enquanto um dispositivo para a docência. Os diversos apontamentos nele produzidos colaboram não só para uma reflexão de minhas práticas docentes, mas também como conteúdo para atividades que poderei desenvolver a curto ou longo prazo.

Entre palavras, rabiscos, esquemas, colagens e um mundo de vestígios, as ideias vão tomando corpo e absorvendo de cada espaço do diário aquilo que melhor lhes cabe no momento. Assim vou imaginando ações docentes embasadas por esse conteúdo que se produz nessa imersão.

Imergir no diário é estar constantemente aberto ao novo, pois um retorno às suas páginas, dependendo da intenção, promove desdobramentos diferentes dos que foram promovidos em outras circunstâncias.

Neste caso particular em que desenvolvo e produzo minha docência fora dos espaços formais, venho tentando desenvolver ações localizadas em um espaço/tempo diferente da conformação de sala de aula. Assim, venho elaborando atividades relacionadas à

arte e à docência através de mini-práticas e oficinas.

De um jogo com palavras é que iniciou o primeiro projeto de oficina de experimentações artísticas. Essa atividade com as palavras foi uma retomada de um exercício similar orientado pela professora e artista Lucimar Bello Frange em uma oficina da qual participei. Foi no diário, portanto, que encontrei esse jogo que despertou minha vontade de levá-lo adiante.

O jogo consistia em inventar palavras a partir das sílabas do próprio nome associadas com algumas outras palavras. Com essa ideia comecei a desenhar a oficina no sentido de discutir a desconstrução e a fragmentação de conceitos da arte e da própria produção. Para isso busquei colaboração no dadaísmo, com seus artistas e escritores e, especificamente com a receita de poema de Tristán Tzara.

Também não podia faltar os poemas de Manoel de Barros, que além de ocupar vários espaços de meu diário, também dialogam com as ideias da oficina, com a produção de sentido pela diferença, pela não-rima, pela não-coerência e tornam a prática mais poética.

Assim, a oficina de experimentações artísticas se configurou com atividades a partir da invenção de palavras e alguns desdobramentos que se seguiram delas, envolvendo os participantes e os estimulando a agir e interagir com as atividades e demais colegas, produzindo também poemas e colagens.

Essa proposta foi desenvolvida com um grupo de estudantes da Escola de Hotelaria e Turismo de Coimbra, com faixa etária entre 16 e 18 anos. Fui convidado a desenvolver alguma atividade com a turma e achei oportuno levar essa ideia. Mesmo que com uma abordagem inesperada, os estudantes receberam bem as atividades e as desenvolveram com entusiasmo, embora não fossem de nenhum curso de artes.

Os resultados dessa ação me motivaram a seguir pensando nessa e em outras oficinas para desenvolver junto a outros grupos, com diferentes idades e em diferentes espaços. Esse é o próximo passo a ser realizado nesse processo em que me encontro atualmente.

Do que se pode arrematar

O diário ceci n'est pas une pipe já está finalizado. Mas assim como este texto, o assunto ainda não acabou. Tenho como pressuposto de que toda vez que retornar às suas páginas encontrarei novas situações. Sim, tudo o que há nele foi feito por mim, mas em outro momento de minha vida. Eu me transformei, o conteúdo se transformou.

Mas o que fica gravado é que o diário enquanto um meio metodológico para pensar, articular, pontuar e desenvolver atividades tem colaborado em diversos momentos de minha vida acadêmica e profissional. O que está escrito, desenhado, colado no diário não é apenas registro, não é apenas um modo de arquivar coisas. É também tudo isso, mas é mais.

Como objetivei trabalhar com o diário de maneira a/r/tográfica, tenho esse objeto como um espaço em que a produção acontece atravessada por aquilo que realizo enquanto artista, por aquilo que me contamina enquanto professor e por cada situação que me toca e me motiva a ser um pesquisador.

A a/r/tografia nesse processo de pesquisa e de reflexão tem sido muito importante por possibilitar-me atravessar esses diferentes campos e relacionar situações que para metodologias hegemônicas não são comuns. No contexto em que me encontro principalmente, em uma universidade em que a tradição ainda fala alto, é um desafio buscar inserir e tornar visíveis métodos contemporâneos de investigação.

O segundo diário já está em desenvolvimento. Dele surgirão outras reflexões e outros apontamentos que potencializarão novos textos, novas conversas e caminhos para pensarmos na docência, na arte e na pesquisa, com todos os outros acontecimentos que se deixarem envolver nesse processo.

Referencial bibliográfico

BLANCHOT, Maurice. O livro por vir. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

DIAS, Belidson. A/r/tografia como Metodologia e Pedagogia em Artes: uma introdução. In: DIAS, Belidson; IRWIN, Rita. L. (Orgs) Pesquisa educacional baseada em arte: a/r/tografia. (21-26). Santa Maria: Ed. da UFSM, 2013.

FLUSSER, Vilém. Filosofia da caixa: Ensaio para uma futura filosofia da fotografia. São Paulo: Hucitec, 1985.

IRWIN, Rita. L. Uma mestiçagem metonímica. In: DIAS, Belidson; IRWIN, Rita. L. (Orgs.) Pesquisa educacional baseada em arte: a/r/tografia. (125-136). Santa Maria: Ed. da UFSM, 2013.

IRWIN, Rita. L. & SPRINGGAY, Stephanie. A/r/tografia como forma de pesquisa baseada na prática. In: DIAS, Belidson; IRWIN, Rita. L. (Orgs.) Pesquisa educacional baseada em arte: a/r/tografia. (137-154). Santa Maria: Ed. da UFSM, 2013.

LINS, Daniel. Estética como acontecimento. In: DIAS, Susana.O; MARQUES, Davina;

AMORIM, Antonio C. *Conexões: Deleuze e arte e ciencia e acontecimento e...* Petrópolis: De Petrus; Brasília: CNPq/MCT; Campinas ALB, 2012.

PORLÁN, Rafael; Martín, José. *El diario del profesor - un recurso para la investigación en el aula.* Sevilla: Díada editora, 2000.

SPRINGGAY, Stephanie; IRWIN, Rita L.; KIND, Sylvia W. *A/r/tography as living inquiry through art and text.* In: *Qualitative inquiry*, v. 11, n. 6, p. 897-912, 2005.